



YVETTE GUILBERT

N.º 262 Lisboa, 27 de Fevereiro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno, 48800—Semestre, 29400—Trimestre, 18300

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão RUA DO SÉCULO, 42



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUISSO

Vestidos bordados em Batiste, Voile, Toile, Shantung, Pongre, Tulle, Chiflon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50.
Blusas bordadas em Batiste, Nansouc, Toile, La, Cachemire, Japonais, Crêpe de Chine, desde fr. 8,50, franco de porte no domicilio.

Pecam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.^o, Lucerne A 22 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

Estomago

O carvão naphtholado granulado da COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE é de grande efficacia nos casos de dyspepsia, dilatação do estomago, embaraço gastrico, digestões difficéis, flatulencia, diarrhéas putridas e em geral nas fermentações intestinaes. Frasco, 500 réis.

Pharmacia: Rocio, 60 a 63

LISBOA

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Illustração Portuguesa

Postas à disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inexcusable perfeição

Stereotypia

De toda a especie de composição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diários da tarde ou da noite

Zincogravura

e Photogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalho.

OFFICINAS DA

Illustração Portuguesa

R. DO SEculo. 43

COMPREM Foulard Seda SUISSA

Pecam as amostras das nossas Sedas Nouveautés de primavera e de verão para vestidos e blusas:

Foulards, Voile, Crêpe de Chine, Chinos cachemire, Eolanne, Mousseline 120 cm. de largo desde fr. 1,25 o metro, em preto, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em «batiste», «la», «toile» e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

Schweizer & C.^o
Lucerne E 12 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

REMEDIO DE ABYSSINIA EXIBARD

em Pó, Cigarros, Folhas para fumar, soberano contra

ASTHMA

30 Anos de Bom Exit.
 Med. Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C.^o
 6, rue Dombasle
 PARIS

em TODAS PHARMACIAS

Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma Landalette e um double phaeton em magnifico estado e de grande luxo. Trata-se na Casa Simplex, Bicyclettes, Discos e machinas fallantes de J. Castello Branco.

O que ha de melhor em bicyclettes inglezas desde 2,5000 rs. com todos os pertences. Accessorios baratissimos. Discos com assumptos politicos e ultima novidade. Machinas fallantes das mais modernas desde 65000 réis.

Rua do Socorro, 23-B. Rua de Santo Antão, 34. Telephone 2975.

Yvette Guilbert

A Guilbert foi revelada aos portugueses com um certo rumor travesso de chronica galante ahi por 1895, depois de uma *soirée* no *Figaro* a que D. Carlos assistira.

Não fôra o primeiro monarcha que ali



entrára. No anno anterior Alexandre da Servia e Leopoldo da Belgica tinham rido immenso deante das cançonetas gaiatas da encantadora Yvette, que Paris inteiro applaudira com phrenesi ao vê-la saltitante e endiabrada com as suas saietas tufadas ou com a sua touca de boneca.

Era em outubro; nevava. As carruagens pararam na porta de honra da rua Droout. Os húngaros da orchestra Baldy tocaram o hymno real e como n'uma festa dada pela realeza da arte á de direito divino, os poetas, os artistas, os sabios, os jornalistas, membros do Instituto e aristocratas do talento, cercaram o rei na immensa *hall* ornamentada de plantas, illuminada nos jorros da luz electrica. Ferdinand de Rodanys e Perivier, os directores do *Figaro*, ladeavam o rei e pelas onze e meia a *soirée* começava.

Primeiro o violoncellista Delsart tocou a Aria de Bach. Era como um céu que se abria nas arcadas d'aquelle instrumento; depois Lola Bett e Afra cantaram o duetto do *Romeu e Julietta*. Embora gravemente, a festa decorria n'aquelle meio d'arte pura. Coquelin veio quebrar um pouco o ceremonial com o seu *Amateur de Pinture*. Os labios do rei descerraram-se n'um sorriso; sorriram-se os artistas, sorriram os aristocratas e o proprio duque de Luynes tão triste. Inicia-va-se a transição do sério para o



comico. A Amel, graciosa e leve, cantava a *Chanson des Ancêtres*; Ville dizia *La Fournaise*. O rei applaudia um pouco menos cerimoniosamente.

Mas de repente appareceu Yvette Guilbert, cujo rosto era já familiar a todos os parisienses, cuja figura se destacava nas esquinas em grandes cartazes, como se ella, mostrando-se assim em toda a parte, fosse bem o espirito galez da velha cidade. Trazia nos olhos expressivos uma luz faiscante, a sua voz soava gaiatamente, sublinhava com graça o *couplet*. O gelo fundiu-se. Parece que D. Carlos riu francamente. Cá fóra, sob a neve, os carros esperavam; o publico parava deante da fachada illuminada e a Guilbert ia atirando as coplas das *Jeunes Mariées* com uma infinita garotice. Applaudiam-na, festejavam-na. Os graves membros do Instituto gargalhavam; os pintores, os jornalistas mais celebres sentiam acordar nos seus espiritos as alegrias bohemias da mocidade. Depois de terem trepado a encosta da gloria aquella endiabrada rapariga remoçava-os e pareciam ainda no *Quartier* ou no *Chat-Noir* onde Salis lançára prodigios, onde Donnay se estreára como auctor. Riram. D. Carlos tambem riu. Ella fez o successo da noite; depois das *Ingenues*, *La Fille de Ma Tante*.

Quando no fim da *soirée* se festejaram os artistas, quando foram apresentados ao rei, elle teve para cada uma boa palavra e teve-a tambem para Guilbert.

Viajou [mais uns tempos; esteve em Londres, regressou a Portugal e a opposição entrou a verberar essas gargalhadas do rei mundaño, fizeram d'ellas uma *scie* n'um rumor de escandalo.

Foi pelas tubas da politica que



a Yvette
Guilbert

lada ha dezesseis annos. Eram os progressistas que atiravam a Yvette contra os regeneradores ao tempo que ella continuava alegre e saltitante nos palcos de Paris, mal sabendo que a sua gaiatice, que arrancára risadas a um rei, estava sendo explorada na intriga politica á beira do Tejo onde um dia deveria vir com o seu repertorio e com o seu olhar expressivo.

Passaram dezesseis annos! Alexandre da Servia, que ella cocegára com as suas cançonetas, morreu n'essa tragedia de Belgrado retalhado a golpes, desfigurado, despojado da purpura para se amortalhar n'um lençol de sangue; Leopoldo entrou nos dominios do Congo a aferrolhar milhões e na chronica leviana do boulevard pelo braço da Cleo; depois, um dia, finou-se no seu palacio e o jornalismo mundial recordou as suas



aventuras; D. Carlos, accusado de crimes mais graves do que soltar gargalhadas deante da Yvette, foi morto no Terreiro do Paço, n'uma fria tarde de fevereiro. Ella continúa, como ha dezesseis annos, a fazer explodir as gargalhadas dos principes, dos millionarios, dos parisien-ses, da gente que se diverte, sempre bella, sempre es-pirituosa, sempre picante.

Paris que n'um dia mata as suas celebridades, que não lhes dá mais do que uma ephemera gloria, que esquece umas pelas outras, as substitue, as arroja para o olvido, ha annos que vê passar essa mulher e a saúde, como se ella fôsse a verdadeira representante da graça garota da velha Gallia. Os seus retratos continuam nas vitrines, bilhetes postaes, onde ella sorri de dentro da coifa gracil, correm mundo com o seu nome n'uma soada farfalhante de bom humor. Yvette conserva-se quando outras caem, por-



os homens do governo provisório, a nós, como a todos os mortaes, porque traz na alma, no gesto, na maneira, o sagrado condão de nos espicaçar, de nos prender, ella, em cujos olhos ha a nota de fogo, viva, transformadora do seu rosto garoto, de çoquetista.



que de si propria emana essa espiritual fórma de dizer, de rir, de se apresentar sempre original e sempre provocante.

Lisboa, que soube do seu nome por uma lucta entre opposições politicas, vae agora vê-la feita *pierrot* ou *bebé*, com a sua cabelleira empoada ou com as tranças soltas, atirando no palco do theatro da Republica os seus *couplets gavroches* e mostrando-se na sua desenvoltura bem endiabrada de parisien-se, na sua adoravel maneira, que fez rir os reis e os principes, como, certamente, fará rir



A Moda

- 1—Vestido da casa Brandt
2—Vestido de Redfern para a actriz
Lysia, das «Varietés»
(Cliché Feix)

A moda não é mais do que um fogo de palha. Muito depressa se modifica e se transforma. Uma senhora que seja pratica deve saber esperar que ella se affirme. Bastam algumas semanas. Este anno a côr branca é a preferida; a saia estreita e curta deixa toda a liberdade aos movimentos devendo ser acompanhada pela *jaquette* muito simples, de bandas cruzadas. A tarde deve-se usar, em vez de *jaquette*, ou a *redingote* muito ampla ou o *manteau* sem mangas que se traça á maneira das capas hespanholas

Os vestidos devem ter a largura sufficiente para deixar desembaraçado o andar e os movimentos. Ha no entanto uma costureira parisiense que parece vae dar ás saias quinze metros de volta. E' uma noticia sensacional não ha duvida mas isso não se porá em pratica porque só raramente a moda faz uma evolução tão rapida. Pouco a pouco, modificando detalhes, é que se varia a moda não em algumas semanas, nas quaes é impossivel transformar a roda





d'uma saia que tem um metro e vinte em quinze metros!

Tambem para a tarde se vão usar as gazes e as musselinas; as rendas serão muito utilizadas nos vestidos elegantes Um dos mais lindos vestidos é em liberty branco com a sua tunica de musselina clara onde ha uma facha de vel-

Vestido da casa Boné para M.^{me} L. Guett (Gliché Félix)

ludo negro com as pontas cahidas até a baixo.

Sabe-se por consequencia que o branco vae ser a côr da moda e dentro em pouco veremos as formosas lisboetas passando nas ruas á luz d'este lindo sol como bando de pombas immaculadas.



FIGURAS E FACTOS



UM DOCUMENTO QUE ABSOLVE PORTUGAL DA ACCUSAÇÃO INJUSTA
DA ESCRAVATURA DE S. THOMÉ

O consul de Inglaterra na Africa Occidental Portuguesa faz-se photographar ao lado
do administrador da roça Rio Ouro, do sr. marquez de Val-Flôr,
entre um grupo de creanças ali nascidas



As comissões transmontadas que foram apresentadas ao governo pelo governador civil de Villa Real,
sr. Adellno Samardan

(Cliché Benotiel)

O BANQUETE DA LOJA MONTANHA.
-AO ORGANISADOR DA CARBONARIA-

Luz d'Almeida foi o grande organisador da Carbonaria Portuguesa. Com uma paciencia estranha, vencendo bravamente todos os obstaculos, conseguiu reunir na vasta rede da sua associacão secreta, os milhares de homens que tanto contribuíram para a revolução.



to sentir, offereceu um banquete em sua honra, que se realizou em 13 de fevereiro no Centro Latino Coelho.

Entre Magalhães Lima, grão-mestre da maçonaria portuguesa e Machado dos Santos, o seu cooperador na organização da Carbonaria, Luz d'Almeida, modesto empre-



1—O sr. Luz d'Almeida, entre o grão-mestre da Maçonaria, dr. Magalhães Lima,

A Loja Maçônica Montanha, de que elle é veneravel, e cuja acção revolucionaria desde ha muito se tem fei-



Machado dos Santos 2—Um aspecto do banquete 3—Outro aspecto das mezas

gado das bibliotecas municipaes, recebeu assim a consagração dos seus socios.

OS QUE TRIUMPHAM NO THEATRO. SCHWALBACH E A "REPRISE" DA "BISBILHOTEIRA".

No momento em que tão grandes questões de ordem política, social e economica preoccupam todas as classes, dirigentes e dirigidas, o apparecimento da *questão theatral*, declarada oficialmente, faz sorrir os homens graves para quem a arte não parece constituir na hora actual um assumpto urgente de debate e de estudo. Mas a questão theatral existe, tem uma realidade que já produziu pugilatos, que já creou partidos, que já alimentou dissensões, que encheu os jornaes de epistolas e deu dôres de cabeça ao sr. ministro do Interior. Está lançada. Está na ordem do dia. E' um facto, authenticado pelo *Diario do Governo*; e já a estas horas uma commissão syndicante a analysa com o fim louvabilissimo de resolvê'a. Aguardando os resultados a que chegará esse concilio de syndicantes, dois a ontecimentos de importancia consideravel se destacam, que não pôdem deixar de relacionar-se com a questão do theatro portuguez: a demissão do Inspector do Conservatorio, e o pedido de demissão do commissario do governo junto do theatro Nacional. Quer isto significar que na hora em que a crise theatral se considera ter attingido o estado agudo,



Eduardo Schwalbach
(Glíché Vasques)



A grande scena do ultimo acto da «Bisbilhoteira»: A entrega das cartas

dois dos mais illustres dramaturgos nacionaes, honras da litteratura e do theatro portuguezes, são compellidos a abandonar as funções officiaes que exerciam. Não faz sentido. Mas é verdade.

Como rep'ica ás injustiças que o incompatibilisaram com o cargo de inspector do Conservatorio, Eduardo Schwalbach obtem no theatro da Republica, com a reprise da *Bisbilhoteira* e a representação da comedia em 1 acto *Os Quatro Cantinhos*, a renovada consagração do publico, que com os seus entusiasticos applausos o mantem no logar prestigioso a que o seu talento o conduziu

salvar da sua crise o theatro nacional ameaçado de ruina: o talento.

Ali, n'aquella sala em riso, onde não havia um só logar devoluto, até ao ex-inspector do Conservatorio não chegavam as vozes injustificadamente hostis que na rua dos Caetanos offenderam os seus brios susceptiveis e lhe determinaram o nobre gesto de despedida com que voltou costas á instituição a que por tantos annos presidira a atracção da sua bondade tolerante e o prestigio do seu nome illustre.

E, comtudo, excepção da comedia escripta para uma festa de sa-



Chaby Pinheiro e Adelina Abranches
(Clichés)

as duas principais figuras da «Bisbilhoteira»
de Benolfe)

Esses applausos, tiveram n'essa noite de triumpho, para o ex-inspector do Conservatorio, a significação moral de uma solemne manifestação de estima.

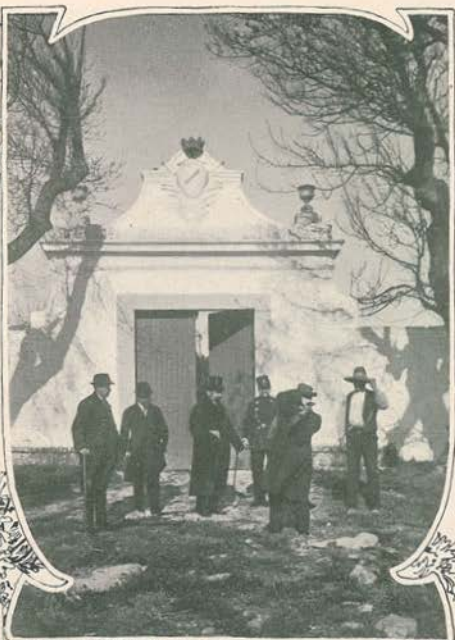
Esses applausos, para quem os entendeu, não significavam, porém, apenas o culto affectuoso do publico pelo mais illustre dos nossos comediographos, mas a indicação do unico remedio com que os espectadores entendem que os reformadores nomeados pelo diploma governmental podem

lão e que tão bem coube nas proporções mais vastas do palco:— essa pequena obra-prima de ironia elegante que o auctor intitidou *Os Quatro Cantinhos*,—a peça que se representava perante uma platéa entusiasmada, com todas as honras de uma *première*, era uma velha comedia, que Schwalbach nem sequer retocou, tão certo é que o talento tem uma perpetua juventude e que só envelhecem as obras mediocres.

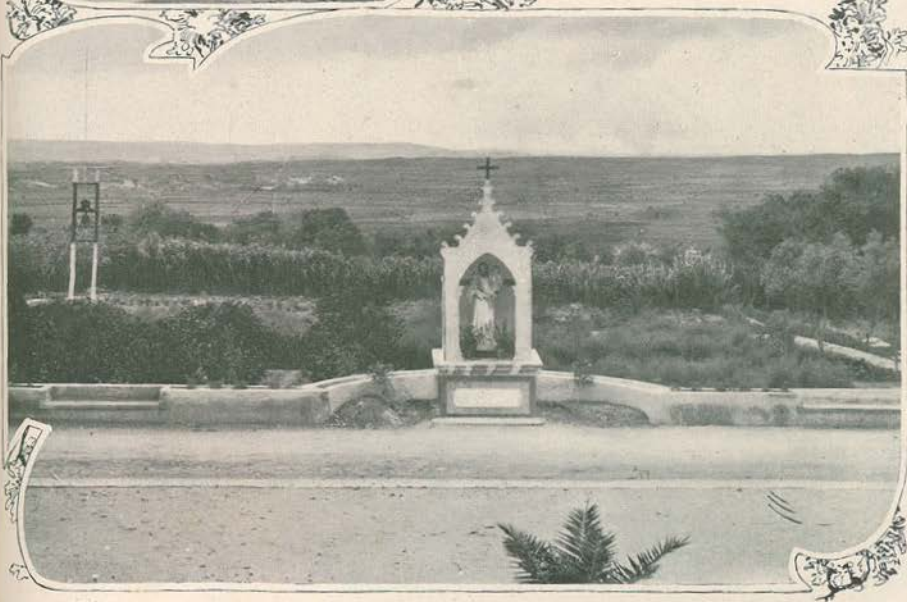
·O·ESPOLIO·DAS· CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS ·A·QUINTA·DO·"BOM·DESPACHO" ·DOS·PADRES·DO·ESPIRITO·SANTO·

As congregações expulsas do paiz deixaram espolios valiosos, sobretudo em propriedades, que ficaram sendo pertença do Estado. Os edificios onde durante tanto tempo se abrigaram os religiosos, onde tiveram installados os seus collegios destinados aos ricos, como o de Campolide, ou ás crianças pobres, como alguns mantidos por essas aldeias, vão agora ser empregados n'outros fins. Serão o asylo, a escola laica, a cantina, como as propriedades ruraes se transformarão em logares de ensino pratico para os alumnos dos cursos agricolas ou em colonias de delinquentes.

Naturalmente será este ultimo o destino da quinta do Bom Despacho, que pertencia aos pa-



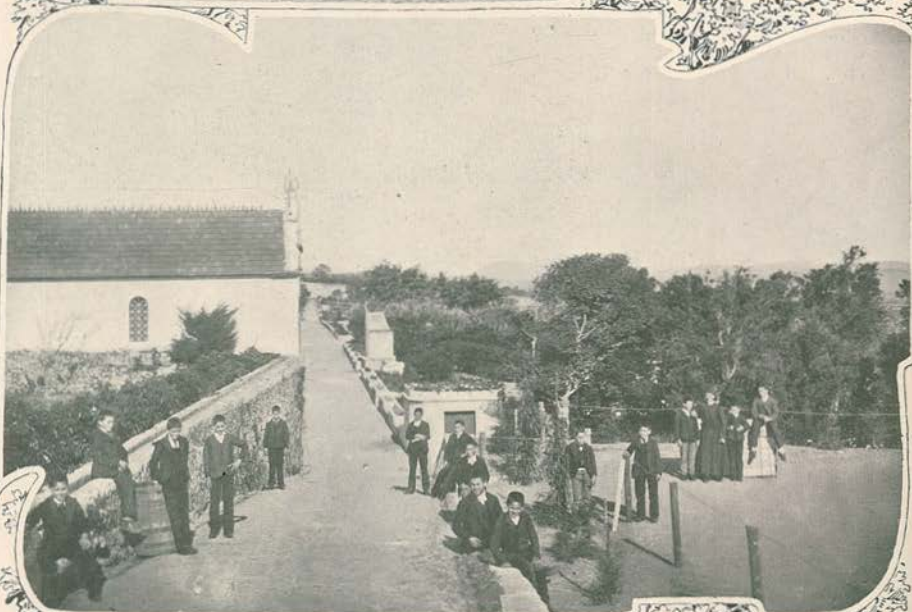
- 1—O sr. dr. Affonso Costa, acompanhado pelo sr. dr. Amor de Mello, Bessa de Carvalho e José Augusto Pimentel, na sua visita á quinta do «Bom Despacho»
- 2—O sr. ministro da justiça visitando a quinta
- 3—Um dos mais bellos panoramas da quinta do «Bom Despacho»





...dres do Espírito Santo. É uma grande extensão de terreno de sementeira, de pomares, de vergeis, farta de água, verdadeira propriedade fradesca, ligada á quinta do Ramalhão que evoca Carlota Joaquina e D. João VI, Junot e o seu sequito de bailarinas.

São vastos os celeiros, enormes as adegas onde ha ainda grandes porções



1—As instalações agrícolas da quinta dos padres do Espírito Santo

2—Os amigos pensionistas da Escola Agrícola dos padres do Espírito Santo.

3—Um dos estabulos da quinta!

4—Durante a visita do sr. ministro da Justiça

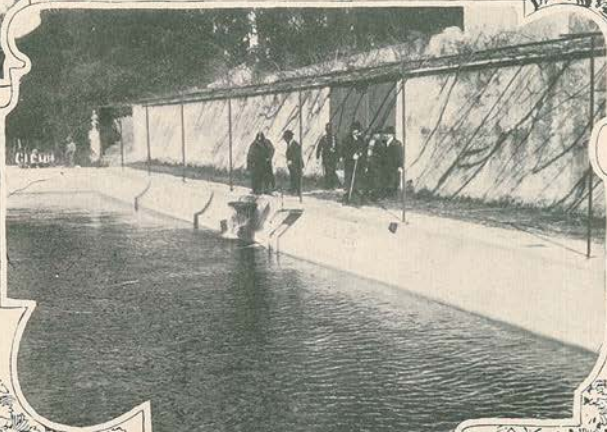
d'uma grande belleza, bem como o panorama que surge n'uma admiravel visão. Ali esteve o nuncio Tonti quando se deu a revolução de 5 d'outubro e n'essa moradia fradesca se conservou até á sua sahida do paiz.

O ministro da justiça visitou, em 5 de fevereiro, essa propriedade hoje pertença do Estado e onde sem duvida ficará excellentemente installada a colonia agricola peniten-



1 e 2— Durante a visita do sr. ministro da justiça (Clichés de Benoliel),

de vinho, são magnificos os estabulos e bem apetrechadas as officinas de serralheiro e carpinteiro e a moagem; é formosa a capella, onde se encontraram santos de valor artistico e paramentos. Os largos tanques, as grandes arvores, todas as installações modernas são



3—O grande tanque da quinta, alimentado pelas nascentes da serra

ciaia para menores, á semelhança da que existe em Mettray.



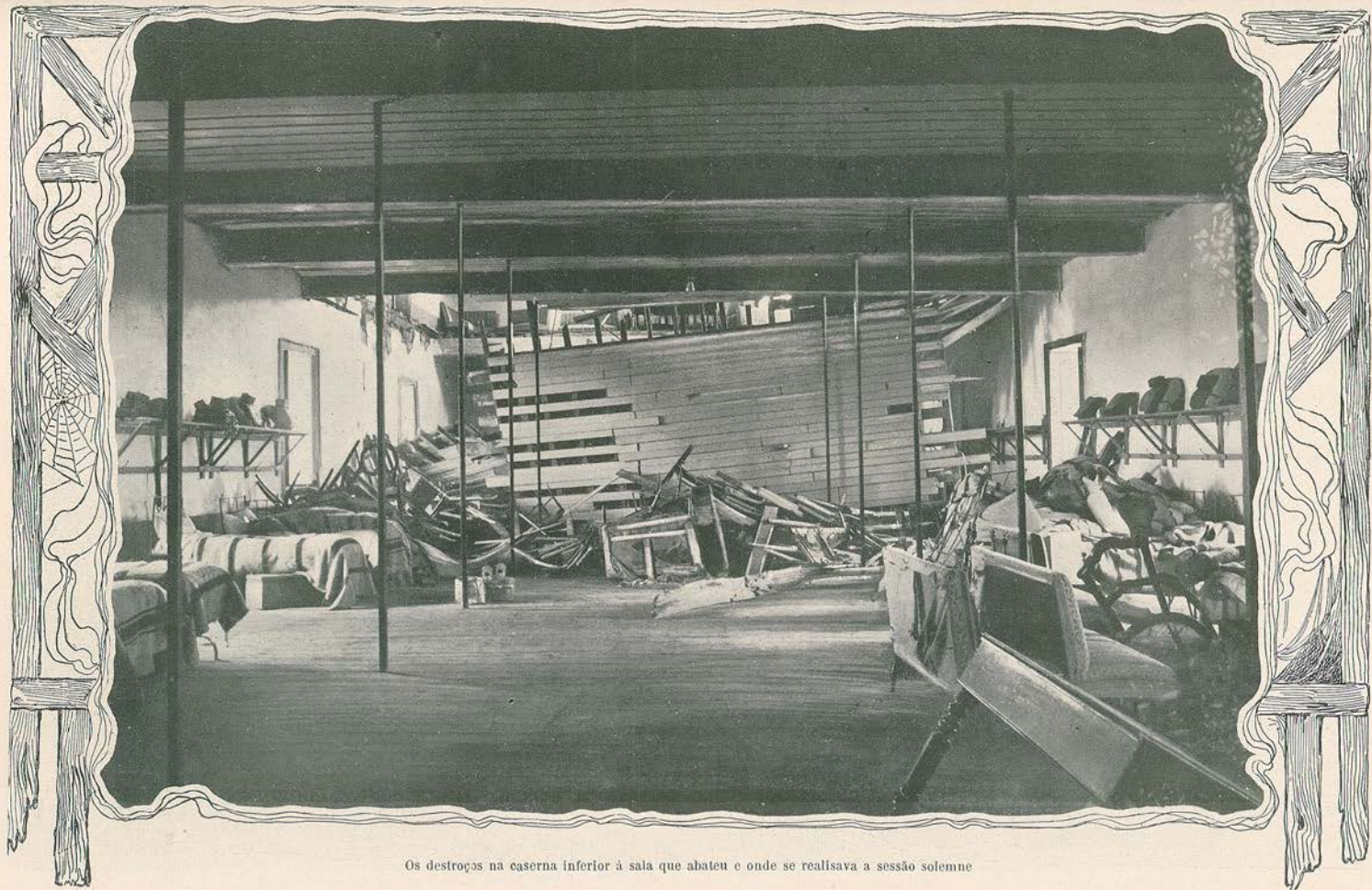
A VISITA DO MINISTRO DA GUERRA AOS REGIMENTOS DA BEIRA



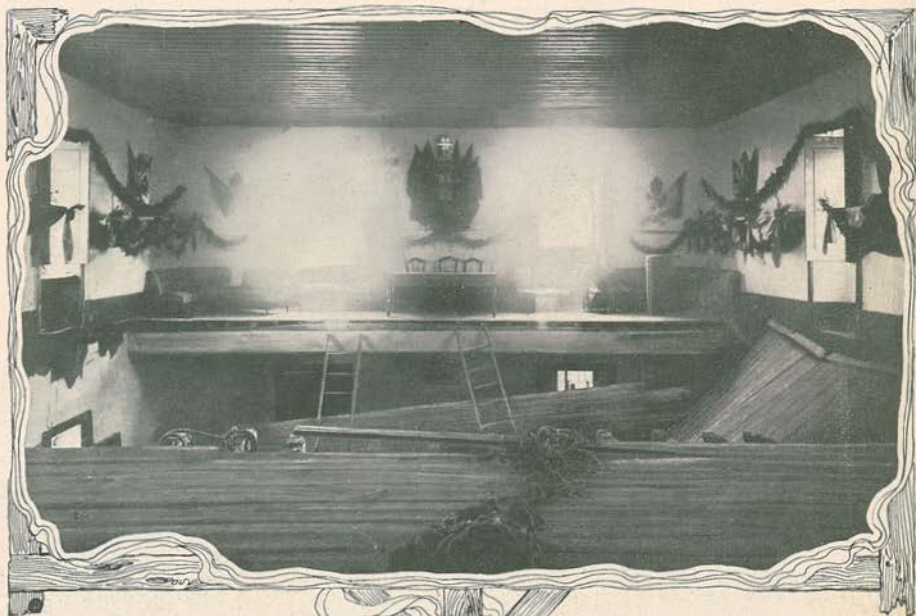
1—A entrada do ministro da guerra na Guarda 2—A fachada da caserna onde se deu o desastre

O ministro da guerra visitou os regimentos da Beira tendo por toda a parte recepções entusiásticas, sendo acolhido com verdadeiro jubilo. Na Guarda a cerimonia foi perturbada por um desastre que causou um verdadeiro panico na cidade. No quartel de infantaria 12 realisava-se uma sessão solemne a que presidia o ministro; senhoras, officiaes, as fa-





Os destroços na caserna inferior à sala que abateu e onde se realisava a sessão solemne



1—A sala da sessão depois do desastre
(Clichê do sr. J. Ayres, da Guarda)

mílias mais notáveis da Guarda estavam na grande sala cujo sobrado abateu ao peso de tanta gente.

Estabeleceu-se uma enorme confusão; soaram gritos de socorro do-

2—O ministro da guerra entrando no quartel
para examinar os destroços

minando os gemidos afflictivos dos feridos que foram retirados dos escombros com a maior dedicação pelos bombeiros voluntários auxiliados pelo povo.



O EXERCÍCIO DOS RECRUTAS DA BATERIA DE QUE LUZ



4—A descida da serra 2—Em plena serra

E' a epoca dos exercicios de recrutas. Ha pouco ainda os de infantaria deram as mais brilhantes provas em Mafra não só as de tactica militar mas tambem as desportivas. Em 17 de fevereiro foram os novos soldados do grupo



A subida do monte



1—Exercícios das muares 2—As muares das baterias

de baterias de Queluz que mostraram o seu grande aproveitamento no exercício das serras de Calarido e Alferragide.

Com presteza extraordinária, montando e desmontando das muares, os recrutas fizeram prodígios como o dos saltos da lagôa



3—N'uma clareira



Em Alferragide: As muars da bateria

em Alferragide, a descida em ordem pelas lombas da serra assim como difíceis subidas por pontos cheios de obstaculos. O general da divisão que assistiu ás provas foi alvo d'uma manifestação de officiaes e soldados.



Salto n'um lençol d'agua em Alferragide
(Clichés de Benoliel)

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

POR MADAME SELDA POTOCKA

A FRUCTA — A SUA IMPORTANCIA NUTRITIVA — UM GRANDE ALIMENTO QUE A NATUREZA NOS SERVE COSINHADO PELO SOL

A fructa madura constitue um dos mais valiosos e importantes elementos da nutrição humana.

Sendo Portugal, pela sua situação geographica e pelo seu temperado clima o paiz que mais e melhor fructa devia produzir entre todos os paizes da Europa, desde o figo e a tamara no Algarve até á cereja e á maçã nas provincias do norte, é para surprehender que tanto o seu cultivo como o seu consumo se não tenham desenvolvido de um modo consideravel. A verdade é que a boa fructa em Lisboa não é barata, se attendermos ao preço minimo porque se póde adquirir na provincia.

O augmento do consumo certamente haveria de provocar uma baixa de preço, estimulando o desenvolvimento das culturas e os beneficios economi-



A laranja

cos da concorrência. Porque se não come muita fructa, n'um paiz onde a fructa é deliciosa?

D'antes, todo o quintal tinha o seu pomar. Hoje, nos arrabaldes de Lisboa, quantos pomares se encontram ao abandono!

Julga-se talvez que a fructa é um adorno para a meza. Grande erro. A fructa é um alimento excellente. Os que pensam o contrario ficariam surprehendidos ao saber que dos mais magnificos exemplares da especie humana são os indigenas de algumas ilhas do Pacifico, cujos organismos robustos e sau-

daveis foram construídos e são alimentados quasi inteiramente de fructos. Todos os historiadores estão de accordo em que a fructa constituiu indubitavelmente a parte principal da alimentação do homem primitivo. E esse homem era excepcionalmente activo, resistente e agil. A fructa não lhe obstruiu e es-cloresou as veias e as arterias; purificou-lhe o sangue; deu-lhe com a doçura do seu assucar a energia reclamada pela sua vida aventureosa; perservou-o de quasi todas as doenças que hoje dizemam os debéis organismos humanos, e prolongou-lhe a vida.

A fructa é o medicamento alimentar por excellencia. Saborosa, representando em todas as suas variedades o alimento mais agradável que a Natureza proporciona ao homem, dispensando os trabalhos da cosinha, que constituem a maior escravidão da mulher, a fructa dispõe não só de importantes elementos nutritivos, como actua e intervem de um modo evidente na conservação da saude do organismo, como um verdadeiro agente therapeutico.



A uva

(Clichés da casa Herold)

O que dissemos dos vegetaes pode applicar-se em grande parte aos fructos. Como elles, e apesar do seu sabor levemente acido, são alcalinísantes. Mais do que elles, devido ao assucar, são nutritivos, convido saber que de todos os alimentos é a fructa que nos fornece o assucar em condições mais favoraveis ao trabalho muscular rapido e ao trabalho cerebral. Pelos seus succos acidos, a fructa accelera a digestão gastrica e actua como um antiseptico poderoso no intestino.

A fructa deve entrar obrigatoriamente no regimen alimentar E' insubstituivel!

Na nossa proxima conversa falaremos desenvolvidamente dos diversos fructos, porque não é este um assumpto que se possa abreviar, tão importante elle se nos afigura, sobre tudo quando applicado a Portugal, a que um escriptor americano já chamou a *Terra da Fructa*.

Selda Potocka.

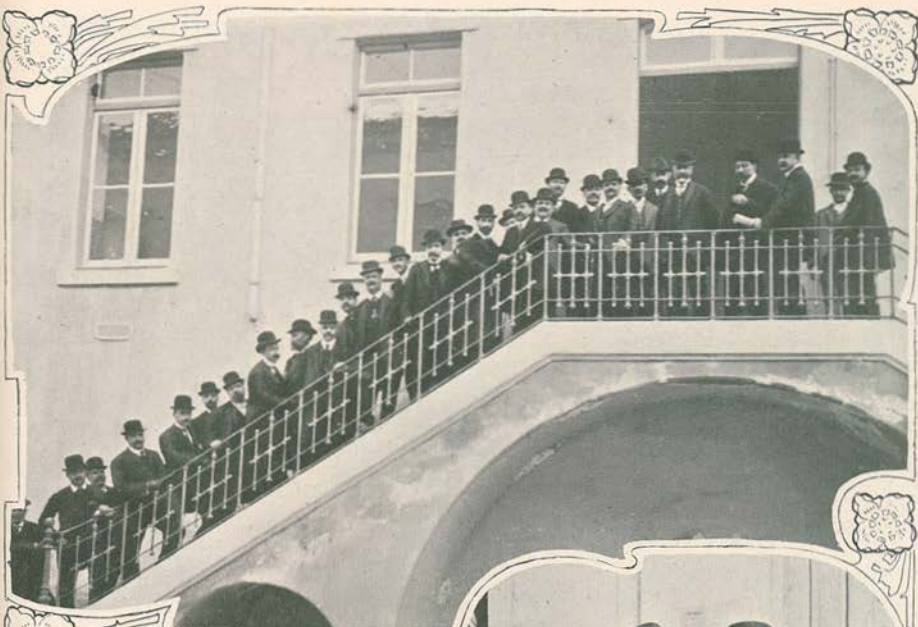
CONGRESSO DOS MEDICOS MUNICIPALISTAS



Os medicos municipaes são devotados homens de sciencia que a troco de minguados ordenados vivem por essa provincia exercendo a sua profissão. Muitos d'elles, estudantes distinctissimos, tornados clinicos de valor, não encontram nas cidades maneira de angariar a vida e refugiam-se n'uma aldeia



1—Os medicos sahindo de uma sessão na Camara Municipal
2—Na visita à Escola Medica
3—Alguns dos congressistas acompanhados pelo dr. Augusto de Vasconcellos



subsidiados pelas Camaras, a darem os seus socorros aos pobres. Quantos rapazes não vivem ignorados no coração da provincia que o teriam nas capitaes solidas reputações de profissionaes!

Foram esses dedicados clinicos que se reuniram n'um congresso promovido pela Associação dos Medicos, em Lisboa, e que se realisou de 15 a 20 de fevereiro, sendo tratadas varias theses relativas ao futuro d'essa numerosa e illustre classe.

O ministro do interior, que é tambem um distinctissimo clinico, inaugurou o congresso na Camara Municipal.



1—A visita ao Hospital de Santa Martha
2—O presidente do congresso, dr. Augusto de Vasconcellos e o dr. Amando Paul (Glêches de Benollet)



3—A meza da presidencia n'uma das sessões do congresso vendo-se ao centro o sr. dr. Augusto de Vasconcellos

Os congressistas visitaram além de todas as dependencias do hospital de S. José, o de Santa Martha e a nova escola de medicina.



FIGURAS E FACTOS



1—Os instructores do Grupo Civil Republica n.º 4 (Sê), pertencentes a infantaria 5. (Da esquerda para a direita) Sargento Figueiredo, alferes Simões, sargento Bezilga, alferes Bragança, alferes Espírito Santo, aspirantes-officiaes Cabedças e Mattos, sargento Mello e tenente Castilho Branco. 2—A nova Succursal do Seculo na Graça. 3—O sr. Santos Pereira proprietario da casa onde está installada a nova Succursal. 4—A sede da Associação do Registo Civil. Photographia tirada no dia 19, em que se realizaram as festas para commemorar a publicação da lei de Registo Civil obrigatorio—(Cliché de Benelli)

COMO SE FAZ A BOLACHA



2—A fabrica
de bolacha da Nova
Companhia
Nacional de Moagem

Desde as pequenas indústrias domesticas, tão numerosas ainda no meado do seculo passado, que produziam as mil variedades de bo'os, bolachas e biscoitos segundo receitas herdadas e transmitidas pelas familias ou pelas comunidades dos conventos, até a manufactura actual das grandes fabricas, onde a machina substituiu o braço arremangado da doceira, que immenso caminho andado! E como seria prodigiosa a surpresa de uma freirinha da Encarnação que ressuscitasse agora e a quem levassemos pela mão, como quem leva uma creança pela primeira vez ao theatro, a uma d'essas cosinhas gigantescas, movidas pela electricidade, onde a industria moderna produz ás toneladas essa mesma bolacha que as noviças, com as mangas

dos habitos arre-gaçadas, faziam depois de matinas na cosinha dos mosteiros!

Porque uma fabrica de bolacha não é outra cousa se não uma cosinha mechanical, de proporções enormes; mas uma cosinha onde os fornos teem a capacidade de salas, onde os machinismos collaboram com o cosinheiro e lhe fazem o serviço, n'uma passiva obediencia.

Entremos n'uma das fabricas mais importantes do paiz, entre as que se occupam da fabricação do biscoito. Escolhamos a mais modernamente installada e que pela profusão dos machinismos pelo esplendor das installações, pela importancia da producção, mais pôde prestar-se ao contraste impressionante que esboçamos na abertura do nosso artigo.

Inaugurada ha pouco mais de um anno, a fabrica da Nova Companhia Nacional de Moagem—o grande potentado moageiro do sul—pôde considerar-se o modelo do seu genero.

Trabalhando com um motor Korting de 200 cavallos, accionando um dynamo de igual força, a fabrica da rua 24 de Julho representa não só a ultima palavra nos progressos mechanicos da especialidade, mas merece ser considerada, pe'a area enorme que occupa, e que permittiu aos archite-



O estender da massa no laminador
mechanico



de bolacha varia nas percentagens, no numero e na qualidade dos seus componentes. Mas para todas as que são compatíveis com o trabalho mechanico—porque ha biscoitos que tem de ser preparados para o forno pela mão do confeitiro—o processo de manufactura é identico.

Sobre as amassadeiras, a farinha desce dos depositos por calhas hermeticamente vedadas, que a perservam de todos os contagios; e na amassadeira, conforme a qualidade da bolacha que se pretende fabricar, se faz o lote, misturando-lhe a manteiga, o assucar, o leite ou os ovos da receita rigorosamente estabelecida e escrupulosamente executada. Das amassadeiras, onde os cylindros ou os pilões a amassam, a liga passa então aos laminadores, onde poderosos cylindros representam o papel do rôlo da cosinha domestica. Assim estendida, a massa entra nas engenhosas machinas de cortar,

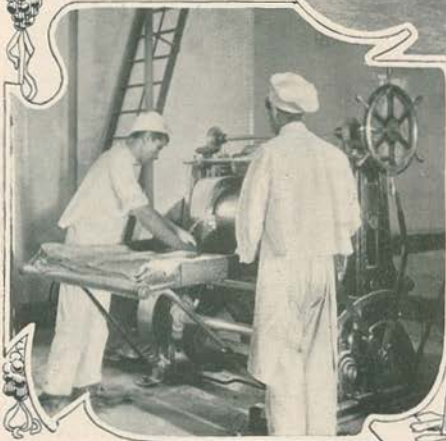
ctos conceder a cada secção de trabalho um espaço anormal, uma obra-prima de hygiene onde o operario vive em salões arejados, cheios de luz e ar, e em que se encontram reunidas essas impreteriveis condições hoje requeridas pela manipulação de todo o genero alimenticio.

Como é facil de presumir, a composição de cada marca



1—A experiencia de uma nova marca de bolacha 2—As amassadeiras mechanicas 3—O laminador

prompta para o forno. Estas tres operações successivas executam-se quasi sem intervenção manual, rapidamente, e a bolacha é depositada, sempre mechanicamente, nos taboleiros em que entram n'um dos colossaes fornos continuos, que atravessam com a velocidade previamente regulada, e de onde saem cosidas, concluidas, promptas a subir nas monta-cargas para a secção do acondicionamento: um salão immenso onde um cento de operarias vestindo um uniforme de li-



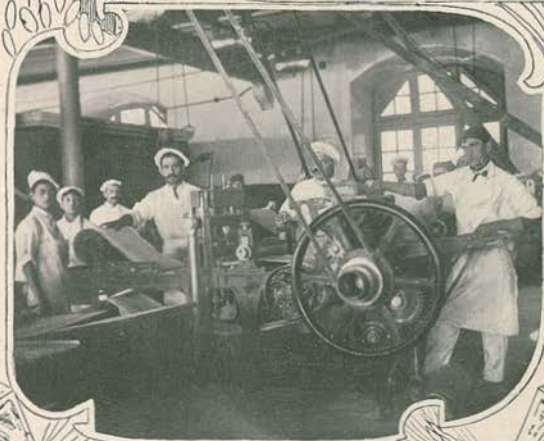


dos monstros de ferro e aço, que as correntes de transmissão accionam e animam de uma vida laboriosa—os operarios de avental e barrete branco, com o traje tradicional do cosinheiro, e o aro-

1—O confeiteiro
2—A grande machina de cortar a massa para as bolachas

nho e toucas, as arrumam nas latas, a que são em seguida collados os envoltorios, dando entrada, depois de pesadas, na secção do encaixotamento ou nos depositos.

Como se vê, o processo industrial de fazer a bolacha ficou sendo, como não podia deixar de ser, inalteravelmente o mesmo da receita domestica, com a unica intervenção da machina—que substitue todos os contactos perigosos da manufactura manual por operações mechanicas, dando á execução da receita o aviamento vertiginoso requerido pelas grandes produções industriais. E apesar

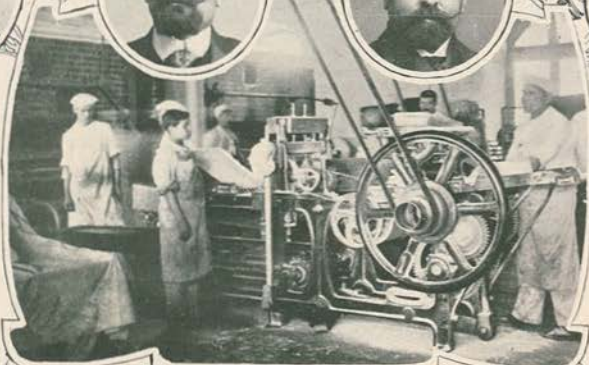


ma das especiarias e da farinha tostada, da baulilha, da canella e das essencias imprimem ao immenso laboratorio culinario o aspecto familiar de uma cosinha

3—A fabricação mecnica da bolacha Griffiths



Os administradores da Nova Companhia Nacional de Moagem Srs. João Pedro de Sousa, Fernando Bello, António Bello, e José Carreira de Sousa, a quem está confiada a direcção da Fabrica de Bolacha

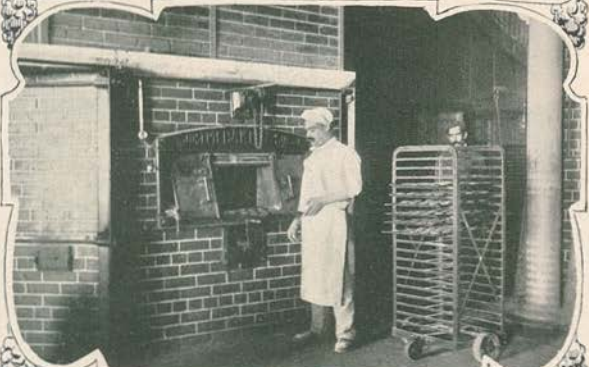


2—A machina de cortar a bolacha

3—A cozedura da bolacha Griffiths

4—O serviço de acondicionamento da bolacha

onde tudo, menos os homens que n'ella trabalham, se ampliou até atingir proporções gigantescas. A substituição da tarefa manual pelo trabalho mechanico ajustou-se na manufactura da bolacha a todas as operações secundarias e complementares do fabrico. E' assim que ha machinas para descascar amendoas, para moer asucar, para bater ovos, para condensar e pulverisar o leite, e algumas d'ellas, como



as machinas de fazer *gaufretes*, biscoitos crespos e linguas de gato, são verdadeiras obras-primas de engenho, authenticos prodigios mechanicos, que dir-se-hia dotadas de intelligencia, de tal modo executam com facilidade as suas tarefas complicadas.

Tendo tomado um espantoso desenvolvimento desde a implantação do regimen proteccionista, que lhes assegurou a posse quasi total do consumo, as fabricas portu-





Administradores
da Nova
Companhia
Nacional
de Moagem
Sr. Manuel Rodrigues
Sr. Eugenio
de Sousa



2- Um trecho do grande salão de arrumação da bolacha



3- A operação de acondicionamento da bolacha nas latas (Glicêes de Beno-Hel)

guezas de bolacha todos os dias se aperfeioam e progredem. E' assim que a installação magnifica da Nova Companhia Nacional de Moagem, que passa justamente por ser um modelo no genero, reúne todo o machinismo aperfeioado das melhores fabricas inglezas, e foi sob a direcção de technicos contractados na Inglaterra que

iniciou a fabricaçao da bolacha, hoje confiada exclusivamente a operarios nacionaes. Os cuidados de hygiene adoptados no fabrico, são ali excepcionalmente notaveis e testemunham a arrojada iniciativa do grupo illustre de administradores que dirigem a poderosa companhia.



4- O encaixotamento da bolacha para a provincia e ultramar



COMO SE FAZ O "RÉCLAME" BAL TABARIN

O reclame é um deus! Tem um enorme poder transformador. Torna um objecto banal n'uma cousa procurada. E' obíquo; apparece em todos os lados umas vezes com um ar grave outras berrante, mas onde está parece dizernos sempre:

—Cá estou eu!...

Elle é o homem-garrafa que apparece nas ruas a falar nas grandes letras do seu dorso em magníficos productos d'uma fabrica de vidros; elle é o bando de garotos vestidos de cosinheiros a indicar um restaurant; é o Arte Nova de chapéu alto e sobrecasaca a vender cautellas, é o cartaz, é o annuncio, é a carruagem sarapim-

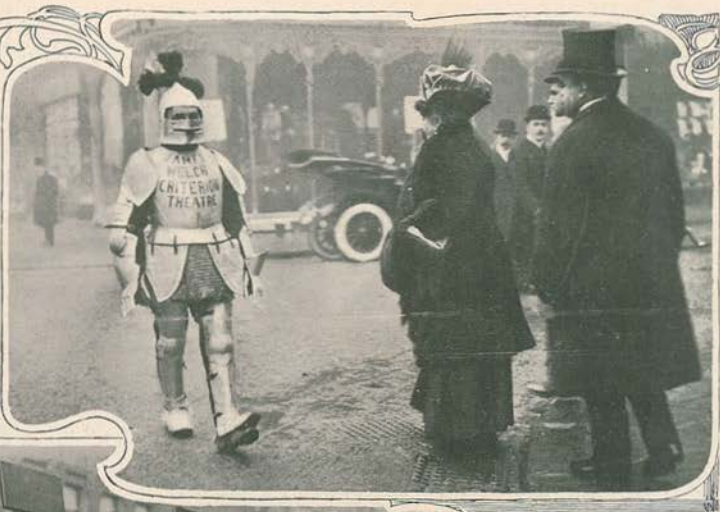


1—O reclamo do baile Tabarin de Paris
2—O reclamo d'uma fabrica de productos chimicos de Vienna d'Austria 3—O reclamo d'un restaurant nas cabeças calvas
tada, é a letra que se colloca hoje n'um muro e á qual se vão juntando todos os dias outras até formarem o nome que se quer apresentar; é aquelle cavallo azul que D. Thomaz de Mello, o velho bohemio, uma



vez soltou no Rocio a chamar as atenções para certo producto.

Na America elle é tudo mas seguramente na Europa tambem o vae sendo. Não ha celebridade sem elle seja a de Tolstoi seja a de Pink, seja a de Sarah



1—Um reclamo d'um theatro de Londres (Clíchés Dellus)

lo, a de um palhaço ou a de um rei.

Ha curiosas historias do reclamo; verdadeiras batalhas de astucia dadas entre casas rivaes; ha idéas originaes que ficam como modelos e que contribuem para o successo que se deseja

Na primeira fila



2—O reclamo d'uma fabrica de rodas de bicyclettes de Berlim
3—Reclamo d'uma fabrica de colleiras de Berlim

Bernhardt seja a dos padres que fabricam a Benedictine, a de um genio ou a de um to-





1—O reclamo no Japão 2—O reclamo d'uma fabrica de garrafas 3—O reclamo d'uma fabrica de cigarros de Amsterdam—(Clichés Dellus)

de um theatro de Paris appareceram seis individuos correctamente vestidos de negro, com os seus luzidios chapéus altos que conservaram na cabeça mesmo depois de subir o panno. O publico gritava; o berreiro era enorme e nem sequer se moviam mas de repente um d'elles tirou o chapéu e appareceu uma enorme calva onde se estampava um L; o outro seguiu-lhe o exemplo e foi um E negro que appareceu. Os espectadores calaram-se; esperaram cheios de curiosidade; os outros quatro descobriram-se e nas suas calvas surgiram successivamente as letras R. I. R. E. Era o reclamo formidavel do jorna! *Le Rire*. Toda a

gente riu; o semanario obteve o successo que se sabe mas que não dispensa todavia este reclamo que lhe fizemos agora ao evocar o grande deus moderno; o tam-tam prodigioso que se recommenda por vezes magnificencias tambem apresenta... cousas sem valor. O reclamo atrai as cousas mas a escolha faz-se depois.

